

CRISE HUMANITÁRIA E DESINFORMAÇÃO: A FORMA SIMBÓLICA DA REPRESENTAÇÃO DOS YANOMAMI

Humanitarian Crisis and Disinformation: The Symbolic Form on the Representation of Yanomami

Crisis Humanitaria y Desinformación: la Forma Simbólica por la Representación de los Yanomami

Helena Pires¹
Carolina Toscano²
Vinícius Zuanazzi³

DOI: 10.31501/esf.v1i32.15522

Resumo: Os Yanomami, cerca de 28 mil indígenas, sofrem com a ação de garimpeiros e ataques de desinformação, intensificados na gestão Bolsonaro. Este estudo analisa narrativas falsas de simpatizantes bolsonaristas publicadas em plataformas, utilizando a sociossemiótica multimodal (Kress & Van Leeuwen, 2006). Concluímos que as narrativas utilizam imagens e dados fora de contexto para justificar o descaso governamental e deslegitimar as demandas indígenas, agravando sua vulnerabilidade.

Palavras-chave: Yanomami. Desinformação. Politização. Sociossemiótica. Ciências da Comunicação.

Abstract: The Yanomami, around 28,000 Indigenous people, face impacts from illegal mining and disinformation attacks, intensified during Bolsonaro's administration. This study analyzes false narratives from Bolsonaro supporters published on platforms, applying multimodal social semiotics (Kress & Van Leeuwen, 2006). We conclude that these narratives use images and data out-of-context to justify governmental neglect and delegitimize Indigenous demands, exacerbating their vulnerability.

Keywords: Yanomami. Disinformation. Politicization. Social semiotics. Communication Sciences.

Resumen: Los Yanomami, unos 28 mil indígenas, enfrentan el impacto de mineros ilegales y ataques de desinformación, intensificados durante el gobierno de Bolsonaro. Este estudio analiza narrativas falsas de simpatizantes bolsonaristas publicadas en plataformas, aplicando la sociossemiótica multimodal (Kress & Van Leeuwen, 2006). Concluimos que estas narrativas utilizan imágenes y datos fuera de contexto para justificar el descuido gubernamental y deslegitimar las demandas indígenas.

Palabras-clave: Yanomami. Desinformación. Politización. Sociossemiótica. Ciencias de la Comunicación.

¹ Doutora, Universidade do Minho, Braga – Portugal. hpaires@ics.uminho.pt | <https://0000-0002-5533-4687>.

² Doutoranda, Universidade do Minho, Braga – Portugal. carolmaia@gmail.com | <https://0000-0001-9825-1948>.

³ Doutorando, Universidade do Minho, Braga – Portugal. zuanazzivinicius@gmail.com | <https://0000-0003-2987-5452>.

Introdução: Semiótica Social Multimodal e Desinformação

A discussão central da semiótica social (sociossemiótica) encontra-se no processo conhecido como produção de sentido (meaning making). Compreende-se, a partir da produção de sentido, a “forma como as pessoas usam os recursos semióticos para produzirem artefatos comunicativos e eventos para interpretá-los” (Van Leeuwen, 2005, p. 11). O ponto fundamental da semiótica é a significação/decodificação dos elementos (signos) que permeiam nossas vivências. A semiótica social também volta sua atenção para o processo de significação, que é considerado o produto de uma construção do imaginário social dos indivíduos: o ato de produção e recepção dos signos. Ou seja, a compreensão humana do mundo por meio dos signos (semiose humana) é um fenômeno essencialmente social e tema de enfoque da semiótica social.

A multimodalidade, abordada, dentre outros, por Kress (2010), busca estudar o campo da produção de significados tendo em conta os mais variados modos socioculturais de significação, ou seja, distintos modos semióticos, como o visual e o verbal. De acordo com a abordagem multimodal, o sentido é produzido pela articulação conjunta dos diferentes modos que compõem o artefato ou episódio comunicativo. Dessa forma, a semiótica social multimodal se mostra adequada enquanto método de análise para este trabalho, à medida que interliga, compara e contrasta os modos semióticos, explorando o que têm em comum e no que diferem (Van Leeuwen, 2005). Entendemos que o sistema social é um conjunto de sistemas semióticos (Martins, 2017). No presente caso, temos imagens e textos que se interligam nas postagens digitais que distorcem o verdadeiro contexto, dando origem a uma nova conceitualização a respeito daquilo que se vê. Assim sendo, iremos decodificar

estes conjuntos multimodais amparados pelos modelos de análise da semiótica social multimodal, especialmente por meio de uma adaptação da tabela de análise pensada por Kress e Van Leeuwen (2006).

Ao encontrarmos uma peça de desinformação que se apropria da aparência jornalística, de ataque a um alvo definido, como é o caso das peças aqui escolhidas, conectamo-nos com as relações de ideologia e de poder (Martins, 2017) dentro da sociedade brasileira. De acordo com Moisés Martins (2017), a força e a autoridade que fazem o poder perceptível em uma linguagem provêm da instituição e/ou atores sociais que produziram o sentido. Nesse caminho, a semiótica social preconiza a noção de escolha, quando se enfatizam os interesses de quem produz um signo. “Dessa forma, quem produz um signo escolhe o que considera ser a representação mais apropriada do que se quer significar, ou seja, o interesse orienta a seleção dos atores sociais guiados pelos meios formais de representação e comunicação” (Santos & Pimenta, 2014, p. 299).

Com tal premissa em mente, observamos que o viés encontrado nas peças analisadas é o de um contraponto ao Estado democrático de direito, que visa desestabilizar especialmente a esquerda, utilizando-se da problemática do povo Yanomami apenas como ferramenta para alcançar este alvo principal. Encontra-se aqui uma inversão dos fatos, pois o descaso do governo de Jair Bolsonaro aos povos originários é deturpado, transformando esta narrativa em um ataque ao presidente Luís Inácio Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT). A partir da manipulação discursiva, dá-se a entender que a culpa pela gravíssima condição de sobrevivência dos povos originários em questão é ocasionada por Lula e líderes de Estado com proximidade política ao presidente, como era o caso de Nicolás Maduro (presidente da Venezuela), que é citado.

Para além do ataque à esquerda, a associação Urihi Yanomami, organização não governamental que atua em defesa do povo Yanomami, também é alvo. Observamos nesta entidade uma adversária política de Bolsonaro e seu espectro político. Lembremos que as imagens nunca são produzidas por acidente ou sem intenções. Pelo contrário, importa ressaltar que, neste caso, há uma produção de sentido bastante assertiva e voltada ao ataque de adversários políticos de Bolsonaro. Pelo conteúdo gráfico e pela composição das peças, podemos viajar pelo sentimento de ódio daqueles que às produziram, compreendendo a estratégia política utilizada.

A semiótica social é um modo de investigação que fornece métodos para reflexões sobre o que é feito dentro do oceano do social. É importante mencionar que a semiótica social multimodal nos permite estudar artefatos gráficos - documentos, arquivos, rastros - e compreendê-los enquanto recursos de contextos culturais, políticos e sociais específicos, cujo sentido é produzido no conjunto. E, ainda mais importante, de que modo foram usados como instrumento para reportar fenômenos de uma época/contexto, (re)produzindo sentidos. Neste artigo, investigamos duas peças de desinformação que moldam um significado dentro do espírito do tempo em que foram produzidas, através de seus elementos gráficos e textuais. A onda conservadora que abalou a democracia brasileira bebe na fonte de peças de manipulação de sentido como as aqui analisadas. Cabe à análise sociosemiótica compreender tais elementos sem deixar de considerar todos os demais componentes territoriais e temporais que os permeiam. Nos interessa interpretar o contexto midiático da produção das montagens e posterior disseminação. As imagens, enquanto material signifiicante que, nas suas relações semióticas com outras imagens ou textualidades, decorreram na construção de sentido de informações falsas, dão

o tom desta investigação, contribuindo para a memoração e compreensão do espaço de tempo em que existiram e se fizeram latentes no imaginário da população brasileira.

Julgamos importante pontuar quais são os processos e estruturas pelos quais o sentido dos elementos gráficos das montagens falaciosas se moldam. A ideologia e o poder estão diretamente atrelados a essas produções de sentido. Os grupos dominantes (neste caso os apoiadores de Jair Bolsonaro do Partido Liberal (PL) e de sua agenda ultraliberal na economia e ultraconservadora nos costumes) manejam o poder conforme suas ideologias e marginalizam atores sociais como os Yanomami, utilizando-se da tragédia de sua miséria para fins políticos. Assim sendo, para compreender a produção midiática de um grupo político, é importante evidenciar os atores que a produziram, bem como observar os objetivos que os instruíram, a ponto de levar ao cabo seus projetos. O funcionamento da compreensão semiótica dos elementos gráficos contidos nas peças de desinformação está diretamente ligado ao entendimento do recorte temporal de janeiro de 2023 no contexto da história brasileira.

Povos Originários do Brasil: as Comunidades Yanomami

Os Yanomami são um dos povos indígenas que vivem no extremo norte da fronteira internacional com a Venezuela e ao sul divisa estadual Roraima/Amazonas. De acordo com dados divulgados no ano de 2022 pelo Ministério da Saúde e pela Hutukara Associação Yanomami no Brasil, estima-se que existam 28,1 mil indígenas nessas regiões, em cerca de 371 comunidades (Fellet & Prazeres, 2023). Kopenawa e Albert (2019) descrevem que os Yanomami ocupam um espaço de floresta tropical de aproximadamente 230 mil quilômetros quadrados, sendo o maior território indígena demarcado do

mundo, e se sustentam pela caça, pesca e cultivo de alimentos. Além disso, constituem um extenso conjunto linguístico e cultural isolado. A Língua Yanomami (thèa Yãnomamè) é composta por quatro subgrupos linguísticos, cada um com seus respectivos dialetos: Yanomamy – Yanomamo, Yanam – Ninam, Yanomam – Yãnomamè ou Yainoma San`yma – Sanumá. Os autores também indicam que os primeiros contatos dos Yanomami com não indígenas, militares das expedições de demarcação de fronteiras, agentes do Serviço de Proteção dos Índios (SPI) ou estrangeiros datam do início do século XX.

Entre as décadas de 1940 e 1960, algumas missões (católicas e evangélicas) e postos do SPI se instalaram na periferia de suas terras, abrindo assim os primeiros pontos de contato regular, fontes de obtenção de bens manufaturados e também de vários surtos de epidemias letais. No início da década de 1970, esses primeiros avanços da fronteira regional seriam bruscamente intensificados, primeiro pela abertura de um trecho da Perimetral Norte ao sul das terras Yanomami em 1973 e, passados dez anos de trégua, com a irrupção de uma corrida pelo ouro sem precedentes em sua região central, em 1987 (Kopenawa & Albert, 2019, pp. 44-45).

Assim, os Yanomami já não vivem geograficamente isolados e sofrem com intervenções externas, principalmente pela ocupação extensiva de não indígenas, como garimpeiros ilegais, nas áreas que habitam. O garimpo refere-se à atividade de exploração em que se busca a extração de minerais preciosos. E os garimpeiros atuam em áreas onde há indícios desses recursos, como em leitos de rios e encostas de montanhas. Eles escavam o solo, coletam os materiais e fazem a separação dos minerais através de processos como peneiramento e uso de substâncias químicas, principalmente o mercúrio, que provoca efeitos ambientais extremamente nocivos (Souza & Oliveira Júnior, 2022). No Brasil, a exploração mineral em áreas demarcadas para proteção e usufruto exclusivo, como as que são

habitadas pelos Yanomami, é proibida⁴. No entanto, a prática ilegal persiste e tem provocado uma série de danos ambientais, assim como violações dos direitos humanos dessas comunidades.

As invasões das terras dos Yanomami por garimpeiros — e suas consequências em termos de epidemias, estupros, assassinatos, envenenamento dos rios, esgotamento da caça, destruição das bases materiais e dos fundamentos morais da economia indígena — se sucedem com monótona frequência, seguindo a oscilação das cotações do ouro e de outros minerais preciosos no mercado mundial (Kopenawa & Albert, 2019, pp. 21-22).

A Hutukara Associação Yanomami realizou um monitoramento entre os anos de 2018 e 2022, utilizando satélites de alta resolução espacial, que demonstra que o garimpo ilegal cresceu 309%, devastou novos 5.053 hectares e manteve cerca de 20 mil garimpeiros na região, um número muito próximo ao total da população indígena local (Hutukara & Wanasseduume Ye'Kwana, 2022). Ao considerar esse panorama, Barcellos e Saldanha (2023) argumentam que a crise humanitária enfrentada pelos Yanomami, intensificada a partir dos anos 1970 pela invasão do garimpo, expõe a existência de uma complexa trama de fatores sociais, ambientais e políticos. Barcellos e Saldanha (2023) também relatam que as áreas próximas aos acampamentos e dragas enfrentam violência, contaminação por mercúrio, restrições aos serviços de saúde, insegurança alimentar e riscos de doenças transmitidas por invasores. Eles indicam, ainda, que as comunidades remotas sofrem com o isolamento, dificuldades de acesso a cuidados de saúde, escassez alimentar e falta de saneamento básico, o que facilita o surgimento de enfermidades infecciosas e crônicas.

⁴ O garimpo em terras indígenas é proibido pela Constituição Federal do Brasil de 1988. Ela estabelece a proteção dessas áreas para preservar o modo de vida e o ambiente dos povos indígenas. Além disso, a exploração mineral nesse território é regulada pela Lei Federal nº 6.001/1973 e pela Lei Federal nº 9.605/1998, que criminaliza a falta de autorização ou o desacordo com as normas legais.

Em relação aos aspectos políticos, os autores afirmam que “a atual crise humanitária no Território Indígena Yanomami (TIY) revela o agravamento de uma condição secular de desamparo pela invasão de atividades de garimpo, incentivadas por empresas e setores de governos” (Barcellos & Saldanha, 2023, p. 10). Nessa perspectiva, é possível destacar que, durante a gestão do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (PL), entre os anos de 2019 e 2022, a prática do garimpo se expandiu em razão de uma série de fatores: como a falta de fiscalização, visando favorecer a exploração dos recursos naturais para ganhos econômicos (Ávila, 2022); o descumprimento dos direitos dos Yanomami, população negligenciada na agenda política de Bolsonaro, que priorizava a economia em detrimento da preservação do meio ambiente (Agência Brasil, 2023); além da disseminação de desinformação, um tipo de conteúdo enganoso que foi utilizado para desacreditar os apelos dos indígenas e tentar justificar a exploração ilegal das suas terras por meio de narrativas negacionistas (Soares, 2023).

Os Yanomami Enquanto Alvo de Campanhas de Desinformação

A desinformação, compreendida como um tipo de conteúdo que possui a capacidade de confundir e enganar, “[...] ocorre quando informações falsas são deliberadamente partilhadas para causar danos” (Wardle & Derakhshan, 2017, p. 5). Nesse sentido, não há dúvidas sobre a sua intencionalidade. “Da mesma forma, ela também pode florescer em meio a volumes de conteúdos, quando as pessoas têm dificuldade de distinguir entre informações confiáveis e desinformação, entre aquilo que é um fato comprovado e o que não é” (Posetti & Bontcheva, 2020, p. 12).

Para Soto-Vásquez e Sánchez-Santos (2022), a disseminação de informações falsas sobre diferentes aspectos sociais pode provocar um estado de desconfiança contínuo, que facilita a adesão

da população a novas narrativas de desinformação. Os autores, ao considerarem o contexto político, indicam: “entendemos a desinformação política como uma espécie de narrativa política que muitas vezes é falsa ou pelo menos enganosa e que ocorre em uma variedade de mídias e contextos funcionando para reforçar e fortalecer compromissos partidários” (Soto-Vásquez & Sánchez-Santos, 2022, p. 455).

Essa forma de desinformação política foi empregada no Brasil para atacar os Yanomami. Em 2018, quando ainda estava em campanha eleitoral, Bolsonaro afirmou que os indígenas precisavam ser “emancipados” para que pudessem explorar comercialmente a biodiversidade e riquezas minerais das suas terras, o que lhes permitiria viver através de royalties (G1, 2018). Disse que os indígenas tinham reservas em excesso, que pretendia rever as demarcações existentes, e assegurou que em seu governo não haveria mais “nenhum centímetro” de terra demarcada para essas comunidades (Folha de S. Paulo, 2018). Ao mencionar a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), responsável pela promoção e proteção dos povos indígenas brasileiros, Bolsonaro fez uma promessa: “Se eu for eleito, vou dar uma foçada na Funai, mas uma foçada no pescoço. Não tem outro caminho” (Carta Capital, 2018). Com essa afirmação, ele explicitava sua abordagem em relação ao órgão, que acusava de atrapalhar o desenvolvimento econômico do país (Intercept Brasil, 2022).

Das promessas de campanha ao mandato, o ex-presidente insistiu na disseminação de desinformação contra os Yanomami, especialmente nas suas mídias sociais. A exemplo de quando tentou justificar o suposto excesso de terras demarcadas mentindo sobre a quantidade de indígenas que habitam a região, para sugerir a existência de uma vasta extensão ocupada por um número insignificante de habitantes. Ou de quando disse que nenhum indígena morreu em razão da Covid-19,

porque consumia chá de casca de árvore. Reforçando o falso argumento de que haveria tratamento precoce para a infecção, assim como fez reiteradas vezes para recomendar o uso ineficaz de cloroquina na pandemia. E ainda quando negou que os Yanomami tivessem passado dificuldades em seu governo, com base em uma alegada conversa que teve com indígenas durante visita à cidade de São Gabriel da Cachoeira, no Estado do Amazonas, em maio de 2021, onde só teriam lhe pedido acesso à internet (Ribeiro, 2023).

Ribeiro e Teixeira (2021) evidenciam que, ao recorrer intencionalmente a estereótipos consolidados sobre os povos indígenas em seus discursos, Bolsonaro revivia a concepção de que o "índio" era incapaz. Visão utilizada para legitimar tanto a exploração de suas terras quanto sua incorporação à sociedade e aos ciclos econômicos da política neoliberal predatória. "Isto reposicionava os indígenas como empecilhos, e inimigos, do desenvolvimento estatal projetado e liderado por Bolsonaro e sua equipe de governo, dirimindo seus agenciamentos na História e seus direitos conquistados, ao passo que também os marginalizava e os criminalizava" (Ribeiro & Teixeira, 2021, p. 70). Ainda sobre as narrativas enganosas utilizadas pelo ex-presidente para criticar as políticas públicas destinadas à proteção dos povos indígenas, os autores acrescentam:

Observando as muitas construções simbólicas presentes nos discursos violadores dos direitos indígenas mobilizados por Bolsonaro, os quais negligenciam (e buscam esvaziar e deslegitimar) as legislações de proteção e matrizes constitucionais que amparam os indígenas, é perceptível o teor de desrespeito, preconceito, discriminação, racismo ambiental e ódio que são disfarçados pela jocosidade falaciosa de um homem conservador e ultraliberal (Ribeiro & Teixeira, 2021, p. 80).

Entretanto, as declarações desinformativas não ficaram restritas a Bolsonaro. Engajados em reforçar a ambiência de negacionismo que descredibilizava o apelo dos indígenas, membros e apoiadores do governo orquestraram campanhas de desinformação direcionadas aos Yanomami. Uma pesquisa conduzida pela Escola de Comunicação, Mídia e Informação da Fundação Getúlio Vargas, FGV Direito Rio e Democracy Reporting International (DRI), entre 1 de janeiro e 31 de março de 2023, revelou que a disseminação de informações falsas sobre a crise humanitária dos Yanomami representou a principal estratégia da extrema-direita para tentar defender Bolsonaro das denúncias de descaso e violência ocorridas no território indígena durante o seu governo (FGV, 2023).

Neste trabalho, ao considerar o volume de publicações analisadas pela FGV e DRI, direcionamos a nossa atenção para duas postagens específicas, que estão entre as mais compartilhadas nas plataformas X (antigo Twitter), Facebook e Youtube no período indicado. A primeira tenta negar a gravidade da crise e politizar o debate, sugerindo que indígenas doentes estão fugindo da Venezuela para o Brasil, condição que seria responsabilidade do regime político do presidente Nicolás Maduro, citado como amigo do presidente brasileiro Lula. A segunda busca descredibilizar a Urihi Associação Yanomami, uma das entidades que denunciou a crise enfrentada pelos indígenas, acusando-a de desviar verbas públicas destinadas à saúde dos povos indígenas e de ter vínculos fortes com Lula e o Partido dos Trabalhadores.

A Mentira Como Arma: Análise das Peças de Desinformação

Para a análise das peças, guiamos nossos olhares de investigação com base em elementos adaptados da tabela de análise de Kress e Van Leeuwen (2006). A partir dos conceitos destes autores,

também sustentados por Mota-Ribeiro e Coelho (2011), atenderemos da melhor forma os anseios de pesquisa deste trabalho. A referida tabela de análise tem como pilares de atuação três dimensões: a Dimensão Representacional, com o foco no significado referencial dos elementos participantes nas imagens, observando os participantes humanos e seus papéis na sociedade brasileira (poder e história), bem como os cenários onde tudo é emoldurado: fundos, adereços e objetos; a Dimensão Interacional, onde temos uma ênfase no enquadramento, no ângulo e na escala de planos dos elementos (fotografias) que são expostos a quem vê a peça.

Ainda nesta dimensão, é importante ressaltar a modalidade das imagens, que indica a credibilidade e o real contido nestas, e a distinção das cores; por fim, a Dimensão Composicional, que enfatiza o valor informativo dos elementos, abordando o valor conferido a cada elemento conforme sua disposição na diagramação das peças e a maneira como cada elemento conversa com os demais. A seguir, apresentamos uma tabela ilustrativa, seguida da análise da primeira figura.

TABELA 1
Dimensões de Análise

Dimensão	O que analisa	
Representacional	Representantes humanos e suas relações históricas e de poder na sociedade brasileira.	Cenários, fundos, objetos e adereços.
Interacional	Enquadramento, ângulo e escala de planos dos elementos.	Credibilidade, realidade das imagens (fotografias) e a distinção das cores.
Composicional	Valor informativo dos elementos conforme suas disposições na diagramação das peças.	Maneira como cada elemento da diagramação conversa com os demais.

FONTE - Elaborada pelos autores (2024)



Figura 1 - Desinformação sobre desnutrição de Yanomami (Poder DF, 2023).

Quando pensamos na Dimensão Representacional ao analisar a fotografia principal da Figura 1, observamos o corpo estendido de um indivíduo do sexo masculino, de idade avançada e, por seus traços, pertencente aos povos originários do Brasil. A imagem contém uma carga histórica de opressão vivida por estes povos desde a chegada dos colonizadores europeus em terras brasileiras. Com o passar dos séculos, esta população seguiu vivendo em marginalidade, constantemente atacados em seus territórios, especialmente por garimpeiros ilegais e demais exploradores de riquezas naturais.

A situação crítica do indivíduo Yanomami é chocante aos olhos dos visualizadores. É muito provável que o idealizador da postagem estivesse em busca de uma fotografia chocante quando fez sua escolha. O homem que está inserido na fotografia está desacordado em uma maca que parece ser improvisada, não se trata de um hospital convencional, as vestimentas das outras figuras humanas, mesmo cortadas, não aparentam em nada características de profissionais da saúde, o que compõe um teor de maior abandono e descaso com a situação de sua saúde. Além disso, a precariedade do local põe em dúvida a capacidade médica de poder bem atendê-lo, aumentando o tom da tragédia. A condição de semi-nudez do homem também contribui para o quadro de desamparo que esta imagem passa, pois assim é possível observar o estado cadavérico em que se encontra o corpo do homem, refletindo uma mensagem de fome e ausência de condições básicas de sobrevivência.

Ainda abordando a Dimensão Representacional, encontramos uma segunda fotografia onde temos três personagens bastante conhecidos da esquerda latino-americana: são eles Luís Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil, o ex-presidente venezuelano Hugo Chávez, e o atual mandatário da Venezuela, Nicolás Maduro. Fica implícito como o objetivo principal desta informação falsa é o ataque às bases de Lula, buscando atrelar sua conduta ao que, na concepção do autor da desinformação, é uma ditadura - os governos de Chávez e Maduro na Venezuela. Nesta segunda fotografia, encontramos Lula e Chávez abraçados e sorridentes, observados por Maduro com o olhar baixo sobre os dois, em uma perspectiva mais ao fundo, como quem respalda o ato de carinho entre os dois líderes que estão mais à frente. É interessante como a sombra de Lula se põe em Maduro, denotando um legado a ser continuado, ou a própria sombra do comunismo latino-americano, paranoia constantemente inflamada pelo discurso conservador. As suas representações gestuais corpóreas evidenciam uma afinidade

mútua. A escolha por um retrato que apresente estes três personagens em sintonia certamente não foi por acaso e buscou entrelaçá-los, aproximando-os. Para os simpatizantes da direita e aqueles que seguem a cartilha do conservadorismo, esta fotografia causa repulsa, ainda mais atrelada à palavra comunismo, estrategicamente utilizada no título da postagem.

Enfatizamos a Dimensão Interacional ao constatar que o doente está em primeiro plano no recorte da imagem fotográfica, visualizado em um ângulo lateral por quem vê a peça, o que denota um afastamento entre o personagem da fotografia e quem o está vendo (Kress & Van Leeuwen, 2006). De fato, o público-alvo desta peça de desinformação enxerga o indígena como alguém pertencente a outro mundo. A fotografia tem ainda um enquadramento horizontal, que faz com que o corpo adoecido seja mostrado por inteiro, seguido de um plano de fundo cortado, onde não se enxerga o corpo inteiro das outras figuras humanas presentes, para além de um bebê no colo de uma mulher. O indígena tem os olhos cerrados, o que faz com que não haja contato visual dele com os visualizadores. Pensando nos modelos de realidade (Mota-Ribeiro & Coelho, 2011), observamos que a imagem denota uma realidade da tragédia e do sofrimento, seus marcadores visuais resultam em uma retórica que implicitamente atrela as mazelas visualmente descritas aos mandatários da imagem abaixo.

Por fim, com base na Dimensão Composicional, ressaltamos o alinhamento de diagramação das duas fotografias e do texto contido no título, que entrelaça as palavras comunismo – Lula – Maduro. Primeiro, mais acima, a fotografia do homem Yanomami pretensamente venezuelano é horizontal e ocupa toda a extensão da webpage, ou seja, está em posição de destaque composicional. Em seguida, temos a segunda fotografia, o retrato de Lula e Chávez sorridentes com o aval de Maduro. O sofrimento do homem contrasta com a alegria de Lula e Chávez, insinuando também o escárnio dos

mandatários perante a miséria humana. A parte verbal desta peça de desinformação ocupa a maior parte da publicação. O título insinua, de maneira mentirosa, que o cidadão em questão é proveniente da Venezuela e sofre com as mazelas do comunismo venezuelano, que, seguindo esta linha de raciocínio de proximidade entre as personas da segunda fotografia, seria também implementado por Lula no Brasil. O título e as duas imagens conversam entre si, diagramadas de modo a conduzir um raciocínio lógico à mensagem falsa que foi implantada⁵.



Figura 2 - Desinformação sobre ONG Yanomami (Poder DF, 2023).

⁵ Todas as informações encontradas nessa peça midiática da figura 1 foram conferidas e confirmadas como falsas pela Agência Lupa, veículo brasileiro de mídia especializado em fact-checking, de amplo reconhecimento dentro da comunicação brasileira. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/01/23/indigenas-desnutricao-roraima>

Com a figura 2, começamos abordando a dimensão Composicional. Observamos um título sensacionalista em evidência na parte superior da peça, que cita um alto montante de dinheiro com ênfase para a palavra desvio. Logo abaixo, posiciona-se uma fotografia com três figuras humanas: uma mulher e um homem representantes dos povos originários e o presidente Lula (trajando elementos característicos da população indígena). Com base na Representação Interacional, constata-se uma relação de olhares (ou falta deles) entre os três indivíduos, e perante quem vê a imagem. Nenhum olhar se encontra, estão perdidos todos entre si. Lula observa a fala da mulher indígena que aparenta estar emocionada em seu relato. O homem indígena não aparenta contentamento com a situação. A fotografia apresenta Lula em uma posição oblíqua, desfavorável, em uma imagem de plano aberto. Abordando a temática das cores, é interessante observar a predominância da cor vermelha na peça, atrelada à esquerda e, no Brasil, ao Partido dos Trabalhadores de Lula. Não apenas o fundo da fotografia está preenchido quase que predominantemente com esta cor, como a roupa do indígena que se encontra ao centro também, além das pinturas no rosto da outra indígena no canto esquerdo da fotografia.

Quando pensamos na Dimensão Representacional, encontramos o homem e a mulher com seus corpos pintados de maneira a relatar para quem vê sua condição indígena, e para além disso, estão também utilizando adereços característicos de sua cultura, como colares e um cocar. Aliados ao título expressivo da reportagem falsa, a imagem dos três se vê atrelada a um esquema de corrupção de desvio de dinheiro. A alta cifra divulgada busca chocar o leitor, são 33 milhões de Reais que estão sendo anunciados como desviados. O alvo da peça é, novamente, Lula. Ao aproximar o nome do presidente brasileiro à organização não governamental que teria praticado tamanho desvio de dinheiro,

se está associando uma vez mais Lula ao tema da corrupção, artifício recorrente usado para buscar manchar a esquerda brasileira por parte dos polos conservadores. É importante salientar que estas postagens manipuladas carregam pouquíssimo conteúdo para além de fotografias e títulos sensacionalistas, não há um corpo do texto que explore a fundo as informações que estão ali contidas nos títulos e subtítulos.

Assim como na imagem anterior, o que vemos na figura 2 são representantes dos povos originários, bem como o presidente Lula. Personagens repetidos. No caso dos primeiros, ao contrário da figura 1, aqui são apontados não como vítimas de um sofrimento, mas sim como corruptos aliados de Lula em esquemas de corrupção e desvio de dinheiro. Se antes os indígenas apareciam como sofredores (atrelando suas condições à Venezuela de Chávez e Maduro), agora são eles os “vilões”, quando temos a associação Urihi Yanomami atrelada à corrupção. Completando o quadro de composição entre imagem e título, o verbal e o visual, a frase “fortes vínculos com Lula e PT” no título termina de dar o tom da publicação, confundindo o receptor que imediatamente associa Lula ao desvio de dinheiro mencionado. Por mais que a mensagem fosse verdadeira, é importante mencionar que os “fortes vínculos” da organização com Lula e o PT não seriam suficientes para definir o petista como culpado neste caso, muito embora o jogo de palavras e a associação de sua imagem ao texto, definam o veredito para o leitor menos atento.

Outra semelhança com a figura 1 é a Venezuela, utilizada novamente como artifício de desinformação. As bases conservadoras brasileiras costumam utilizar a Venezuela de forma pejorativa para atacar a esquerda em suas informações falsas, aqui temos mais um exemplo deste modus operandi. Por fim, o subtítulo (des)informa que a idosa indígena da fotografia é venezuelana, o que se

trata de uma mentira comprovada, a mesma é brasileira e pertence à tribo dos Yanomami (Rosauero, 2023). Atrelá-la à Venezuela contribui para a narrativa que engloba Lula, o comunismo, a corrupção e a miséria, em um grande guarda-chuva de significações desfavoráveis que estão postas como verdadeiras a quem recebe estas informações falsas⁶. São textos e imagens que conjuntamente produzem um imaginário que permeia uma parcela significativa da população brasileira, vítima da manipulação de informações. O crescimento destas mentiras compartilhadas à exaustão nas mídias sociais vem enfraquecendo a já frágil democracia brasileira em um ritmo cada vez mais veloz.

Considerações Finais

Argumentamos que o reconhecimento da história dos Yanomami é fundamental para que possamos compreender não apenas a sua trajetória e cultura, mas também os desafios que enfrentam na defesa dos seus direitos. Estes indígenas buscam viver de modo profundamente integrado à floresta a partir dos seus conhecimentos e tradições, cruciais para a preservação do meio ambiente, mas têm sido alvo de invasões, desmatamento, epidemias, violência e desinformação que ameaçam a sua sobrevivência. A divulgação sobre a realidade vivenciada por esses indígenas reforça a necessidade da sua preservação para a construção de uma sociedade mais diversa e justa.

É recorrente a produção de informações falsas por parte das bases conservadoras brasileiras ligadas especialmente ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Podemos observar que estas seguem uma

⁶ Todas as informações encontradas nessa peça midiática da figura 2, assim como na figura 1, foram checadas e confirmadas como falsas pela Agência Lupa, veículo brasileiro de mídia especializado em fact-checking, de amplo reconhecimento dentro da comunicação brasileira. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/01/27/ong-yanomami-desviou-33-milhoes>

mesma cartilha ideológica, buscam o sensacionalismo e atrelam quase sempre todas as mazelas existentes a Lula e seus correligionários da esquerda. Semioticamente, observamos como são escolhidas as fotografias e a combinação destas com a questão verbal, sempre exageradas, que buscam a atenção do público já em seus títulos. Neste caminho, ressaltamos a importância da multimodalidade discutida por Kress e Van Leeuwen (2006).

No caso das peças de desinformação analisadas neste trabalho, observamos a linearidade em atacar o povo Yanomami com informações falsas, deslegitimando sua luta por reconhecimento e sobrevivência. Primeiramente, na figura 1, temos a desinformação de que os indígenas em questão seriam venezuelanos: uma mentira que agrada duplamente à base conservadora, pois, de uma vez só removeria a culpa de Jair Bolsonaro perante a calamitosa situação humanitária dos indígenas, como também atrelaria toda esta carga de culpa para a Venezuela de Chávez e Maduro, parceiros políticos de Lula. No entanto, como comprovou a Agência Lupa, não só os indígenas são brasileiros, como se encontram em um estado de emergência sanitária devido ao descaso do governo de Bolsonaro, que incentiva o garimpo ilegal nas regiões destes povos, permitindo que a situação de calamidade se alastre.

Na figura 2, o tema da corrupção é novamente abordado, já tão batido em acusações a Lula e ao PT. Neste caso, a postagem embaralhou informações para associar a Urihi Yanomami ao desvio de 33 milhões de Reais, quando na verdade apresentam o CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) de uma antiga associação chamada Urihi - Saúde Yanomami. Rosauero (2023) relata que, em 2006, um relatório do Tribunal de Contas da União constatou que a entidade, que deveria prestar assistência à saúde dos indígenas de Roraima, foi criada exclusivamente para receber recursos da Fundação

Nacional de Saúde (Funasa) por meio de três convênios firmados entre 2000 e 2004, totalizando R\$ 33,8 milhões.

Desta forma, a entidade em questão, responsável pelo desvio de dinheiro, nada tem a ver com a atual Urihi Yanomami. O objetivo desta desinformação é claramente deslegitimar a luta da população Yanomami por direitos, buscando disseminar a ideia de que os próprios indígenas não respeitam seu povo e não merecem respeito, endossando discursos preconceituosos que vão por este caminho de depreciação destas tribos. Para completar, ainda associam Lula a um pseudo-esquema de corrupção, costurando esta desinformação de maneira eficaz a dialogar com seu público-alvo que busca por este tipo de “informação”, independentemente de sua veracidade.

As diferentes dimensões da sociossemiótica consideradas nesta análise contribuem para evidenciar as estratégias discursivas que, no seu conjunto, produzem um dado sentido (ainda que falso). A questão da verdade e da falsidade é, sobretudo, uma questão representacional, pois prende-se com a relação com a referência (material ou ideacional), e a possibilidade de os discursos representarem o mundo em verdade, ou de se abrirem às várias possibilidades de manipulação. Afinal, McLuhan (1971, p. 25) já nos disse que “se os estilhaços atingem as pessoas certas, as armas são boas; se o tubo de televisão detona a munição certa e atinge o público certo, então ele é bom”. Troquemos “tubo da televisão” pelos cabos de fibra ótica do século XXI e temos um bom resumo da produção de desinformações na política brasileira contemporânea.

Referências

Agência Brasil. (2023, janeiro 30). Ministério aponta que governo Bolsonaro ignorou alertas sobre yanomami: Omissão no fornecimento de suprimentos e proteção são mencionados. Agência Brasil.

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-01/ministerio-aponta-que-governo-bolsonaro-ignorou-alertas-sobre-yanomami>

Agência Lupa. (2023, janeiro 27). É falso que entidade que denunciou desnutrição dos Yanomami desviou R\$ 33 milhões. Agência Lupa.

<lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/01/27/ong-yanomami-desviou-33-milhoes>

Agência Lupa. (2023, janeiro 23). É falso que indígenas em estado de desnutrição em Roraima são venezuelanos. Agência Lupa. <lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/01/23/indigenas-desnutricao-roraima>

Ávila, C. (2022, setembro 12). Como Bolsonaro desmontou a fiscalização ambiental. Amazonia Real.

<https://amazoniareal.com.br/fiscalizacao-ambiental/>

Barcellos, C., & Saldanha, N. (2023). O papel da informação e da comunicação em situações de emergência: a crise sanitária e humanitária no território Yanomami. *Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 17(1), 7-13.

<https://doi.org/10.29397/reciis.v17i1.3605>

Carta Capital. (2018, outubro 9). Dossiê mostra como o governo Bolsonaro transformou a Funai em uma fundação anti-indígena. Carta Capital.

<https://www.cartacapital.com.br/politica/dossie-mostra-como-o-governo-bolsonaro-transformou-a-funai-em-uma-fundacao-anti-indigena/>

Fellet, J., & Prazeres, L. (2023, fevereiro 17). Sob Bolsonaro, mortes de Yanomami por desnutrição cresceram 331%. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw011x9rpldo>

FGV. (2023, 8 de fevereiro). Crise humanitária envolvendo os Yanomamis mobiliza campos políticos nas mídias digitais em debate sobre causas e responsabilidades. FGV.

<https://midiademocracia.fgv.br/node/82>

Folha de S. Paulo. (2018, novembro 1). No que depender de mim, não tem mais demarcação de terra indígena, diz Bolsonaro à TV. Folha de S. Paulo.

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/no-que-depender-de-mim-nao-tem-mais-demarcacao-de-terra-indigena-diz-bolsonaro-a-tv.shtml>

G1. (2018, outubro 26). Bolsonaro defende que índios recebam royalties pela exploração da terra em que vivem. G1.

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/26/bolsonaro-defende-que-indios-recebam-royalties-pela-exploracao-da-terra-em-que-vivem.ghtml>

Hutukara Associação Yanomami & Associação Wanasseduume Ye'kwana. (2022). Situação das Terras: Pressões e Ameaças (Relatório, YAL00067). Hutukara Associação Yanomami & Associação Wanasseduume Ye'kwana.

<https://drive.google.com/file/d/1fQjP7U948WcMI6TknrKQMxOJbAUP2o9f/view>.

Intercept Brasil. (2022, junho 13). Funai: dossiê inédito revela como Bolsonaro enfraqueceu a proteção aos povos indígenas. Intercept Brasil.

<https://www.intercept.com.br/2022/06/13/funai-dossie-inedito-bolsonaro/>

Kopenawa, D., & Albert, B. (2019). A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras.

Kress, G. (2010). Multimodality: A Social Semiotic approach to Contemporary Communication. Routledge.

Kress, G. & Van Leeuwen, T. (2006). Reading images: The grammar of visual design (2ª ed.). Routledge.

Martins, M. L. (2017). A linguagem, a verdade e o poder – Ensaio de Semiótica Social. Húmus.

Posetti, J., & Bontcheva, K. (2020). Desinfodemia: Decifrar a desinformação sobre a COVID-19 [Policy brief]. Brasília, UNESCO Office Brasília. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por

McLuhan, M. (1971). Os meios de comunicação como extensões do homem. Cultrix.

Mota-Ribeiro, S., & Coelho, Z. P. (2011). Para além da superfície visual: os anúncios publicitários vistos à luz da semiótica social. Representações e discursos da heterossexualidade e de gênero. Comunicação E Sociedade, 19, 227–246. [https://doi.org/10.17231/comsoc.19\(2011\).908](https://doi.org/10.17231/comsoc.19(2011).908)

Poder DF. (2023, janeiro 23). Indígenas em estado de desnutrição em Roraima são venezuelanos e fruto do comunismo de Maduro e Lula. Poder DF.

<https://poderdf.com.br/indigenas-em-estado-de-desnutricao-em-roraima-sao-venezuelanos-e-fruto-do-comunismo-de-maduro-e-lula/>

Poder DF. (2023. Janeiro 26). ONG que denunciou desnutrição de Yanomami desviou R\$ 33 milhões e tem fortes vínculo com Lula e PT.

<https://poderdf.com/ong-que-denunciou-desnutricao-de-yanomami-desviou-r-33-milhoes-e-tem-fores-vinculos-com-lula-e-pt/>

Ribeiro, B., & Teixeira, S. (2021). Bolsonaro e questão indígena no Brasil: discursividades, autoritarismo e limites democráticos na política contemporânea. *Revista Caderno de Letras*, (41), set-dez, 69-93. <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i41.21326>

Ribeiro, A. (2023, 25 de janeiro). Mentiras de Bolsonaro sobre os Yanomami. *Aos Fatos*. <https://www.aosfatos.org/bipe/mentiras-bolsonaro-yanomami/>

Rosauro, M. (2023, 27 de janeiro). É falso que entidade que denunciou desnutrição dos Yanomami desviou R\$ 33 milhões. *Agência Lupa*. <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/01/27/ong-yanomami-desviou-33-milhoes>

Santos, Z. & Pimenta, S. (2014). Da semiótica social à multimodalidade: a orquestração de significados. *Revista CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*. 10(2), 295-324. <https://doi.org/10.21709/casa.v12i2.7243>

Soares, M. (2023, fevereiro 15). Povo Yanomami é vítima de, pelo menos, duas campanhas de desinformação. *Desinformante*. <https://desinformante.com.br/yanomamis-desinformacao/>

Soto-Vásquez, A.; Sánchez-Santos, M. (2022). El Cabal, Vacunas, y Donald Trump: An Analysis of Spanish-Language Disinformation Leading Up to the U.S. Capitol Insurrection. *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies*, 22(5), 454-465. <https://doi.org/10.1177/15327086221093949>

Souza, H., & Oliveira Júnior, Z. (2022). Degradação e violência na Terra Indígena Yanomami: análise do contato entre o indígena e o garimpeiro. *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, 10(3), 225-238. <https://zenodo.org/badge/DOI/10.5281/zenodo.7519005.svg>

Van Leeuwen, T. (2005). *Introducing Social Semiotics*. Routledge.

Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe.